

O corpo colonizado e o governo por algoritmos

The colonized body and government by algorithms

El cuerpo colonizado y el gobierno por algoritmos

Macarena Elzaurdia¹  Fabio Zoboli²  Santiago Pich³ 

¹ Universidade da República, Montevideo, Capital Federal, Uruguay.

² Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

³ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Autor correspondente:

Macarena Elzaurdia

Email: macaelzaurdia@gmail.com

Como citar: Elzaurdia, M.; Zoboli, F., & Pich, S. (2026). O corpo colonizado e o governo por algoritmos. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 19(38), e24022. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v19i38.24022>

RESUMO

O corpo nos é apresentado como um ponto de entrada para a compreensão do processo de colonização, que se materializa nas últimas décadas por meio de tecnologias digitais, na forma da governamentalidade algorítmica. A modernidade implicou uma relação de dominação subjugadora sobre a natureza, centrada na tecnociência, pilar fundamental da relação técnico-instrumental que possibilitou a dominação de outros considerados inferiores. Humanos, brancos e europeus pavimentaram o caminho para um processo colonizador que se atualiza tecnicamente hoje por meio da existência de algoritmos, que dão continuidade, intensidade e amplitude a uma governamentalidade agora robotizada, globalizada e individualizada. Assim, o colonialismo atual, desprovido de um Estado-nação opressor ou dos processos de aculturação em massa típicos do século XX, tem como arena o capitalismo de plataformas, e como alvo indivíduos e corpos cada vez mais isolados em sua relação simbiótica com os dispositivos digitais, e com as plataformas e aplicativos das *Big Techs*. Apontar para o corpo no atual processo colonizador permite analisar a configuração de novas subjetividades pautadas no controle, na vigilância e na normalização exercidos agora por algoritmos, nos quais não apenas dominam-se inferioridades geopolíticas, mas instauram-se novos modos de ser, existir e sentir como efeito de novas dinâmicas de poder e saber.

Palavras-chave: Corpo colonizado. Algoritmo. Modernidade. Tecnologia.

ABSTRACT

The body is presented to us as an entry point for understanding the colonization process, which is actualized by technologies that enable algorithmic governance. Modernity implied a relationship of subjugating domination over nature, facilitated by technology, which was the foundational pillar of the technical-instrumental relationship that enabled the domination of others considered inferior. Humans, whites, and Europeans paved the way for a colonizing process that is technically actualized

today through the existence of algorithms, which provide continuity, intensity, and breadth to a now robotized, globalized, and individualized governmentality. Thus, current colonialism, lacking an oppressive nation-state or the mass acculturation processes typical of the 20th century, targets increasingly isolated individuals and bodies in their symbiotic relationship with digital devices. Pointing to the body in the current colonizing process allows us to analyze the configuration of new subjectivities based on the control, surveillance, and normalization now exercised by algorithms, in which not only geopolitical inferiorities are dominated but new ways of being, existing, and feeling are established as an effect of new dynamics of power and knowledge.

Keywords: Colonized body. Algorithm. Modernity. Technology.

RESUMEN

El cuerpo se nos presenta como una vida de entrada para la comprensión del proceso de colonización que se actualiza ante las tecnologías que permiten el gobierno pro algoritmos. La modernidad implicó una relación de dominio subyugante de la naturaleza facilitada por la técnica siendo este el pilar fundacional de la relación técnico-instrumental que posibilitó el dominio de otros considerados inferiores. Hombre, blancos y europeos, dieron un pie a un proceso colonizador que hoy se actualiza técnicamente en la existencia de algoritmos, ante los cuales se brinda continuidad, intensidad y amplitud a una gubernamentalidad ahora robotizada, globalizada e individualizada. Así, el colonialismo actual, al no contar con un Estado-nación opresor, ni con los procesos de aculturación masiva típicos del siglo XX, se dirige a individuos y cuerpos cada vez más aislados, en su relación simbiótica con los dispositivos digitales. Señalar al cuerpo en el actual proceso colonizador nos permite analizar la configuración de nuevas subjetividades a partir del control, vigilancia y normalización ejercidas ahora por los algoritmos en los que no solo se dominan inferioridades geo-políticas sino que se establecen nuevas formas ser, estar y sentir como efecto de nuevas dinámicas de poder y saber.

Palabras clave: Cuerpo colonizado. Algoritmo. Modernidad. Tecnología.

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo está calcado na avassaladora presença das tecnologias digitais e da vida virtual. Estamos no bojo de um novo modo de organização social e de modos de agenciamento da subjetividade que deslocam radicalmente as nossas formas de estar no mundo e de produzi-lo. Uma das constatações que emerge desse processo é que se observa uma relação de hibridação entre a vida digital e a vida material, contudo a vida digital parece se impor como a que deve preponderar no tempo presente. Nessa direção, parece estarmos diante de uma nova metafísica, não mais calcada no além-mundo material, no mundo das ideias platônicas, mas na esfera virtual (Benasayag, 2019). Destarte, o domínio da materialidade analógica das coisas passa a ser subsumida a uma esfera de segunda categoria, em face da imensa superioridade das (literalmente) ilimitadas possibilidades da vida digital. As mais diversas experiências humanas estão sendo orientadas pelo vetor digital, através de uma miríade de aplicativos e experiências virtuais, que vão desde o consumo dos mais diversos produtos e serviços, o acesso à educação e à saúde, a segurança se produz pela vigilância eletrônica, e inclusive, as experiências mais íntimas como o sexo, também são mediadas ou produzidas virtualmente.

Já se encontra em curso a possibilidade de que uma conta de rede social continue a funcionar *post-mortem* com base na apreensão algorítmica do modo que em que o indivíduo se comunicava, ou mesmo se sinaliza a possibilidade de fazer um *upload* do cérebro para uma nuvem informática, de modo a que o cérebro continue a funcionar de maneira descorporificada (Kurzweil; Grossman, 2019). Tem-se a impressão de estarmos diante de uma nova expressão do “adeus ao corpo” (Le Breton, 2003), ou, talvez melhor, de uma reinvenção do corpo em chave de leitura transhumanista. De modo paradoxal, ao mesmo tempo que isso tudo acontece, o mesmo mundo digital também

opera no sentido de chamar o corpo de maneira permanente para um treinamento comportamental que não se orienta por palavras, mas por signos como bips, luzes, ícones, vibrações, e os mais diversos estímulos, dos quais se espera uma resposta imediata (Stassun; Pich, 2019). O governo do corpo pela vida digital também parece ser um modo importante de governo na contemporaneidade. Por essa inquietação questionamos o modo ambivalente em que o corpo é integrado na lógica da vida digital, um modo ambivalente de esquecimento da materialidade corpórea, ao passo que também se instala essa materialidade como condição de captura, tutela e governo. Perscrutados o modo em que esse processo produz novos sentidos atribuídos ao corpo, e instaura um novo modo de colonialismo, que não necessariamente nega os colonialismos anteriores, mas os incorpora, reconfigura e amplia.

TÉCNICA E PRODUÇÃO DO HUMANO

A tradição filosófica ocidental tem no mito de Prometeu a alegoria fundante da técnica como algo inerente ao ser humano. O mito é antropocêntrico e nos mostra que quando o humano foi criado ele foi dotado de uma natureza inacabada, compensada pelo uso da técnica. Desta forma, o ser humano pode ser visto de dois modos: a) como ser superior diante dos demais seres e da própria natureza; b) um ser débil contendo indigências (enquanto organismo biológico e enquanto corpo político), precisa dominar a natureza para sobreviver. A soberania de ser a “espécie mais evoluída” o fez crer que os animais e as plantas lhe pertenciam. De igual modo, o “inacabamento”, próprio de sua natureza, exigiu que ele transformasse a natureza, ou seja, foi preciso agir sobre ela para dela se servir – ação essa que contempla o fazer técnico e o agir político¹. Importa assinalar, contudo, que embora o domínio da natureza seja condição da existência dos seres humanos e não-humanos, o que acontece na modernidade é o domínio como subjugação da natureza. Francis Bacon afirmava nos primórdios da modernidade, que o ser humano *devia* fazer da natureza a sua serva. Ainda, Benasayag (2019) situa esse problema no âmbito do “dispositivo Homem”, o que deve ser entendido na sua literalidade: o dominador do mundo é um sujeito masculino, branco, europeu ou norte-americano, e burguês.

Por isso, quando pensamos em técnica visualizamos ela como sendo de domínio exclusivamente humano e que tem relação intrínseca e direta com a concepção de déficit. O conceito de técnica, tradicionalmente dado por várias correntes epistêmicas, muitas vezes acabam tendo em comum a ideia de que o humano, na sua relação com o mundo, está preso a sua condição deficitária, em decorrência disso, por meio da técnica, busca um meio de compensação. Na gênese do fenômeno técnico é possível falar de limitações, mas não só a partir do binômio “déficit/compensação”, mas também no âmbito da “insatisfação/possibilidade”. Assim, pela técnica, o ser humano pode condicionar a si mesmo se potencializando frente aos déficits e insatisfações de sua condição corpórea. A técnica é vista como “el arma del débil, el suplemento requerido por la especie en desventaja” (Parente, 2010, p. 38). Entendemos que o ser humano não é um ser tal sem a técnica, isto é, se humaniza pela técnica, mas também não somente pela técnica que isto acontece. O ser humano é um ser do logos e da arte, um ser poético e um ser da palavra.

¹ A precariedade do homem num ambiente selvagem frente a seus predadores – os animais – preocupou Zeus, afinal, essa debilidade poderia lhe custar o fim da humanidade. Dessa dimensão precária do “corpo indivíduo” surge o “corpo coletivo”, e com ele surge a palavra, a “*techné* política”. O homem precisava se juntar em grupos para lutar em coletivo para sobreviver. Zeus então manda Hermes para trazer ao homem o pudor, o respeito, a vergonha (*aido*), a justiça (*diké*), o vínculo (*desmoi*), a amizade (*philia*) (Stiegler, 2002).

O homem feito por Epimeteu² é um homem com um corpo “vulnerável” e para compensar tal fragilidade seu irmão Prometeu³ lhe deu o fogo (a técnica) como parte de sua natureza. O fogo compensou a insuficiência dos órgãos corporais humanos na luta pela sobrevivência, assim Prometeu ao dar o fogo ao homem coloca na sua essência a técnica. Na superação das vulnerabilidades impostas pela sua natureza, o humano buscou potencializar suas capacidades e superar suas precariedades para além dessas condições através do uso da técnica. A incompletude constitutiva da condição humana tem na técnica um dos modos em que esta é elaborada. No ato de “intervir e dominar a natureza” se inscreve tanto um fazer técnico, como um agir político – dimensão axiológica da técnica. Importa destacar, nesse momento, que a técnica entendida como o que permite ao ser humano garantir sua sobrevivência biológica e política, dotando-o de meios pelos quais consegue dominar a natureza física, mas também intervir na vida social. Os sofistas são, talvez, o exemplo mais interessante do domínio técnico da linguagem -retórica- para intervir na vida política. De todo modo, a dominação, principalmente da natureza, não está vinculada à ideia de exploração da natureza, que será um elemento fundante da técnica em sua forma moderna.

A partir de meados do século passado foi se configurando uma mudança no entendimento de técnica no que tange à sua vocação ancestral de ser “reparadora de uma falta, ou potencializadora de uma condição”. Com a descoberta da biologia molecular as precariedades do corpo não precisam mais ser reparadas, elas podem ser modificadas. Os avanços desta nova biologia inauguram uma nova concepção de vida, agora as informações inscritas nos genes, linfócitos e neurônios podem ser recombinadas molecularmente fazendo com que a vida já não seja concebida como algo inalterável, ou seja, a biologia deixa de ser o destino (Rose, 2013).

Começa assim a se expandir um movimento nas ciências e na indústria computacional que tentam criar “máquinas de consciências eletrônicas” pautadas em mecanismos de acumulação, gestão e manipulação de informação. A cibernética então, se torna o modelo metateórico que baliza desenvolvimentos em diversas áreas, dentre as quais a neurofisiologia, ou podemos dizer que elas se retroalimentam, passando a produzir dispositivos que logram “ampliar las capacidades cognitivas humanas mediante la elaboración de sistemas externos encargados de ejecutar procesos computacionales masivos basados en estructuras binarias” (Sadin, 2018, p. 38).

Inicia-se assim a era computacional, a era do chip, a era da informatização, a era onde a técnica (mais do que nunca em sua história) prioriza as ciências do cálculo a fim de criar habilidades maquinicas, em chave de leitura algorítmica para governar o mundo sob a égide dos números⁴. Com o advento da cibernética passam a ser criados um sem fim de dispositivos que procuram “replicar a inteligência humana”, e, depois integrá-la a processos de potencialização via integração a dispositivos eletrônicos. Inicialmente, esta maquinaria é fixa e temo computador o testemunho maior de seu êxito, no entanto, com o surgimento da internet as máquinas se tornam portáteis/móveis e começam a ser acopladas no corpo. “Se trata de la aparición de un acoplamiento inédito, entre organismos fisiológicos y códigos digitales que se teje induciendo una tensión

² A palavra Epimeteu significa “o que vê depois”, logo, Epimeteu simboliza o esquecimento, o “des-preocupado”, aquele que pensa demasiado tarde.

³ A etimologia do nome Prometeu provém de “pró”, antes, e “*manthánein*”, aprender, saber, perceber, ver, significa exatamente o que o latim denomina prudens, de prouidens, o prudente, o “pre-vidente”, o que percebe de antemão – o oposto de Epimeteu (Brandão, 1986, p. 166). Por seu caráter “antecipatório” Prometeu pode ser interpretado como o pai da técnica e da tecnologia, pois ele é “aquele que vê antes” – vê com o saber, vê com a *métis*. Por isso ele diz ao poder no poema de Ésquilo (2005, p.13): “o futuro não tem segredos para mim; nenhuma desgraça imprevista pode me acontecer”.

⁴ No poema de Ésquilo, “Prometeu acorrentado”, num dos diálogos com o coro, Prometeu fala dos números como ciência antes de ter presenteado os humanos com o fogo: “Inventei para eles a mais bela ciência, a dos números; formei o sistema do alfabeto, e fixei a memória, a mãe das ciências, a alma da vida” (Ésquilo, 2005, p.32).

inestable entre aptitudes y misiones otorgadas a lo humano, por un lado, y a las máquinas, por el otro” (Sadin, 2018, p. 31).

Hay una tensión cada vez más íntima o “carnal” entre anatomías humanas y objetos técnicos [...] El “ingenio eletrônico” ya no se expone como una suerte de prolongamiento del cuerpo, sino como si fuera una capa artificial sensible e imperceptible adherida a los hechos y virtualmente al menor ritmo de nuestros organismos (Sadin, 2018, p. 82)

Deste modo se instaura uma nova configuração tecnológica na medida em que, graças ao surgimento de uma inteligência da técnica, o corpo é “extendido” gerando novas capacidades de apreensão do mundo. A liberação do corpo do espaço/tempo se dá induzida pelo fenômeno da virtualidade e da portabilidade do mesmo. A hibridização tecnológica do corpo neste início de século XXI é molecular - ou seja, atua de modo informacional - mistura corpos a códigos digitais. Isto é uma marca importante que deixa a relação da biologia com a cibernética a partir dos anos 40 do século XX (Dupuy, 1996)

A técnica tradicional associada à ciência com seus métodos experimentais racionais e metódicos traz imbricada em si a tecnologia. No entanto, aqui é central compreender que tecnologia não é sinônimo de ciência, tal como também não o é da técnica - geralmente entendida como análoga ao saber-fazer eficiente sobre um objeto eficaz, materialmente produzido (que constituiria a tecnologia). Pelo contrário, a tecnologia pode ser entendida como “[...] o campo de conhecimento relativo ao desenho de artefatos e a planificação da sua realização, operação, ajustamento, manutenção e monitoramento, à luz de conhecimento científico” (Bunge, 1985, p. 231). Tanto a técnica como a tecnologia derivam do grego *techné* que se refere à capacidade de produzir um objeto/artefato por meios racionais. O artefato sugere algo artificial e denota algo produzido/feito com arte (arte-fato⁵). O projeto é a representação antecipada de um artefato com o auxílio de um conhecimento científico.

Importa aqui assinalar a importância nesse contexto que assume o pensamento dos engenheiros ou pensamento engenheril ou também (e inclusive melhor) a racionalidade engenheril. Essa racionalidade está pautada pela ideia de que o saber científico é condição necessária, porém não necessariamente suficiente para a produção de tecnologias que permitam a intervenção e a dominação do mundo, da natureza e dos animais humanos e não-humanos (Benasayag, 2018 - Singularidad de lo vivo, 2021 - Funcionar o existir). Essa ideia se vê resumida na proposição de Kurzweil y Grosman (2014 - Medicina da imortalidade), em que assinalam que desenvolvimentos da engenharia aeronáutica antecederam à elaboração científica das bases teóricas que fundam tais produções. Do que se trata, em suma, é da primariedade da eficácia técnica de intervenção sobre o mundo, antes do que da sua elaboração teórica.

TÉCNICA, MODERNIDADE, CORPO E COLONIALISMO

A modernidade é marcada pela racionalidade técnico-instrumental, pelo advento das ciências. Adorno e Horkheimer na sua obra “Dialética do esclarecimento” tomam *Odisseu* como a emergência da civilização moderna centrada na *techné* e no *logos* instrumental, estes filósofos compreendem a epopeia homérica de *Odisseu* como uma alegoria da autoafirmação da civilização. “[...] Nenhuma obra presta um testemunho mais eloquente do entrelaçamento do esclarecimento e do mito do que a obra homérica, o texto fundamental da civilização europeia” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 49).

Entendemos que Adorno e Horkheimer situam *Odisseu* como um Prometeu humano, no entanto, eles alertam que o fato de Prometeu estar de posse do esclarecimento não lhe tira o peso

⁵ A palavra arte é o equivalente latino do termo grego *techné*.

da condição trágica do mito. Trazendo o mito para uma interpretação contemporânea das ciências/tecnologias digitais percebemos que estas agenciam e produzem bens de consumo - frutos do *logos/techné*. No entanto, para fazer circular essas mercadorias é necessário mistificá-las para que se suscite sua comercialização, ou seja, o mercado neoliberal se apropria do logos para criar seus mitos.

Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a se afastar do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 38).

Mistificar aqui adquire o significado de situar uma produção humana numa esfera não-humana, à qual o ser humano se curva e se submete. Contudo, importa aqui assinalar que não entendemos tais tecnologias (nem tampouco as tecnologias modernas de modo geral) no sentido a elas atribuídas, como sendo uma ferramenta criada pelo ser humano, e que estão ao seu dispor. Na esteira do pensamento heideggeriano, consideramos a técnica o modo pelo qual o ser se realiza na modernidade, o tempo da técnica o é tempo da técnica como modo em que o Ser se dá na nossa época (Heidegger, 2007). Justamente se haver com a técnica como modo do Ser da nossa época é necessário para que a desmistificação seja possível.

O tempo moderno é definido por ser um momento da história no qual é central a mitificação da técnica, “a fé no progresso técnico”. “Las figuras que propone la técnica no serán sagradas pero sí aparecen como proféticas, apoyadas en el prestigio de la apelación a lo científico” (Sarti, 2012, p. 34). Ou como diria Jacques Ellul (1978), não é a técnica que nos escraviza hoje, mas sim a mitificação transferida às suas promessas. Diante dessa “fetichização da técnica” parece abrir-se um horizonte no qual o ocidente europeu acredita que, graças ao desenvolvimento científico-tecnológico, e à capacidade de domínio do mundo que lhe é correlata, chegará o dia em que todas as necessidades humanas serão supridas. Vale a pena lembrar que as metanarrativas modernas têm a escatologia cristã no seu horizonte, fazendo com que a história do mundo seja igualada à história da salvação, como sugere Lowith (2007). Importa assinalar que a metanarrativa marxista, por exemplo, está calcada na ideia de que o desenvolvimento técnico das forças produtivas é uma das condições de possibilidade para que o comunismo seja possível. A possibilidade de viver o reino da liberdade e minimizar a relação com o trabalho para atender as demandas do reino da necessidade, depende diretamente do domínio técnico do mundo, que pode ser remetida à matriz escatológica cristã.

É relevante mencionar que o domínio técnico do mundo (o que não se equivale a dominar a técnica para poder intervir na natureza, como é o caso do que propomos no primeiro tópico) se equivale com os eventos que são os marcos da emergência da modernidade, em particular o desenvolvimento de técnicas de orientação, navegação e guerra que serão fundamentais para a colonização do território que hoje denominamos América, isto é, o colonialismo somente é possível pelo desenvolvimento da ideia de domínio técnico do mundo. Entendemos, seguindo a Césaire (2010) que o colonialismo parte da equação de que o melhor do mundo é o resultado da branquitude europeia, que torna equivalente os “pagãos” com “selvagens” que devem ser “cristianizados” e “civilizados”, tarefa histórica que “devem assumir” os colonizadores. Quando pensamos em colônia, o conceito da biologia também merece destaque para pensar o mesmo sob a égide das tecnologias digitais. Para tal ciência, a colônia se configura como um grupo de organismos que estão unidos entre si e que se fundem de modo cooperativo na medida em que a sobrevivência de um organismo é inerente à vida do outro. Se os organismos de uma colônia forem separados, isso pode desencadear o desequilíbrio e a morte de toda colônia já que estes organismos formam uma unidade estrutural e funcional.

A Europa se desenvolveu via extermínio dos povos originários da América, enriqueceu com o trabalho escravo do africano, que do seu corpo emprestou o lombo e as forças. O sangue destas

duas civilizações foram o combustível do colonialismo europeu. “Enquanto a modernidade alumiu para os europeus contratos de organização da vida social, aos seres destituídos de estatuto ontológico, o que foi oferecido foi a vigência de contratos de subordinação” (Rufino, 2019, p. 29). Para consumir esse processo a supremacia técnica foi e é fundamental.

O alvo central do processo colonizador é o corpo, os colonizadores sempre souberam que a ocupação colonial não se faz sem colonizar o corpo, isto é, a colonização não se faz sem corpo. Nessa direção, entendemos que o ocidente europeu produziu uma ficção, de fundamental importância para tal tarefa, qual seja a de uniformizar, formalizar e universalizar o corpo, primeiro em chave histórica cristão, e, posteriormente, em chave epistêmica da ciência moderna, da biomedicina. Nessa direção, valemo-nos da leitura de Michel Foucault (1985) para quem o saber oficial sobre o corpo na modernidade é o saber que emerge da biomedicina, que normaliza os corpos dos indivíduos e das populações, em nome de uma verdade universal, neutra e necessária, porque escrita em chave de leitura científica.

O desenvolvimento do ocidente moderno, já sob a égide do capitalismo, aposta no corpo como um *locus* de captura e tutela dos sujeitos. Dito de outro modo, o corpo ocidental continua a ser objeto de colonização durante a modernidade, já não mais sob a dominação do saber religioso, mas sob os auspícios do saber científico. O século XIX será um momento importante para definir e marcar no corpo as diferenças entre as raças e naturalizar o darwinismo social. O corpo será objeto de análises científicas, de diferentes óticas da biomedicina: da biomecânica, da fisiologia, da neuroanatomia e da neurofisiologia, da eugenia (ver Soares, 2002 - Imagens da educação no corpo). Daí se depreende que o corpo triunfante seja o corpo ocidental, masculino, branco, irá se impor como a referência normativa para a subjetivação e o juízo dos corpos mundo afora. O corpo moralmente produzido em referência à produtividade será uma referência necessária para o juízo dos corpos em escala global. Isso valerá tanto para o ocidente capitalista, quanto para o leste soviético, como o representa o movimento stakhanovista (Courtine, 1995). Este será o modelo imperante do corpo que coloniza nos tempos modernos. A partir dos anos 60 do século XX, paradoxalmente, de mãos dadas com a emergência dos movimentos de libertação sexual e de contracultura, o corpo é exaltado e supostamente liberado. Há uma crescente preocupação com o corpo como espaço de disputa política, mostrar o corpo cada vez com menos roupa se impõe como um direito dos grupos minorizados. Contudo, esse processo de libertação corporal vai ser apropriado pela lógica do capital não mais na lógica do controle-repressão, mas do controle-estimulação (Foucault, 1984 - Microfísica do poder). Neste caso não será mais o corpo forte para fins produtivos o que está em pauta, mas um corpo torneado, em conformidade com os cânones dos imperativos estéticos contemporâneos, notadamente um corpo burguês.

As mídias eletrônicas emergentes, em particular a televisão, mas também os jornais, e o cinema irão explorar e instituir o valor de verdade desses corpos, como o corpo deve ser apresentado na contemporaneidade. Os modelos normativos acima delineados, serão as referências que vigoram até a atualidade, não sem deslocamentos, no âmbito do colonialismo digital e algorítmico do corpo tanto no trabalho por plataformas, no caso do primeiro modelo, o do corpo produtivo, bem como o corpo exposto nas redes sociais, que condiz com o segundo modelo. Em ambos os casos se trata do corpo capturado, controlado e tutelado, enfim, assujeitado ao governo e ao colonialismo algorítmico.

A primeira dessas dimensões, a dos corpos produzidos pelo capitalismo neoliberal tem no trabalho algoritmizado a exploração explícita, a extração de valor sem qualquer garantia de dignidade, de acesso mínimo aos direitos trabalhistas básicos da era do capitalismo industrial e de serviços. Uma exploração de corpos gestada pelo sofrimento psíquico e pelo esvaziamento da pulsão de vida. Ou seja, “os processos de vida se transformam em procedimentos maquinais. A adaptação total da vida humana à funcionalidade do trabalho é já uma cultura de morte. O princípio do desempenho aproxima o ser humano da máquina e o aliena de si mesmo” (Han, 2021, p. 21).

O capitalismo é obcecado pela morte. O temor inconsciente da morte o impulsiona. Sua coação de acumulação e de crescimento desperta face à ameaça da morte. Elas criam não apenas catástrofes ecológicas, mas também mentais. A coação do desempenho é destrutiva, fazendo com que a autoafirmação e autodestruição seja uma coisa só. As pessoas se otimizam para morrer. Auto esgotamento indiscriminado leva a um colapso mental. (Han, 2021, p.19)

Os trabalhadores de plataformas digitais ficam submetidos a exploração e escravização da maquinaria algorítmica, operando via processos de metas, prêmios e castigos. São corpos dos quais resultam subjetividades oprimidas e assujeitadas aos ditames do governo algoritmizado das plataformas, atribuindo tão somente a si mesmos o êxito ou o fracasso pelo resultado do trabalho e das suas escolhas (Coutinho, 2020).

Tanto os processos de submissão da maquinaria algorítmica de trabalho mencionadas acima, como a adição compulsiva pelo uso do celular, a ansiedade pela espera de um *like* ou por uma resposta num *app* de conversação, dentre outras. Tudo isso pode ser pensado sob a imagem de colônia na medida em que o organismo humano passa a ter sua fisiologia mediada pela pregnância de seu corpo a dispositivos conectados na rede. As redes ameaçam fagocitar quem as usa diariamente, hibridizando o corpo do usuário com a máquina a ponto de mudar seu comportamento biológico. “En otras palabras, los signos, las imágenes, los sonidos y las voces que marcan nuestra presencia *online* no la definen sólo como una presencia inmaterial, sino que la connotan también físicamente” (Sisto, 2023, p. 80).

Como un facsímil perfecto de la carne viviente, la carne digital se colma de significados, recuerdos y contenidos a medida que plasmamos nossos perfiles en las redes sociales con textos escritos, imágenes fotográficas y documentos audiovisuales, volviendo cada vez más personal la representación de las tonalidades, de los gestos, de los comportamientos y de los movimientos que nos definen de un modo que no siempre es coherente [...] Por lo tanto, los cuerpos digitales son carnales y, por ende, suaves y viscerales, ya que tienen influencia desde un punto de vista emotivo, psicológico, cultural y social sobre nuestra forma de estar en el mundo *onlife* en la sociedad posdigital, como sea que se la denomine. (Sisto, 2023, p. 83-84).

O termo ciborgue nos sugere essa cisão, sua caracterização vem de *cybernetic organism* que é a imagem de um humano potencializado que “in-corpora” componentes exógenos com os quais estende suas funções de autorregulação orgânico-biológica com o fim de sobreviver, tal como o modelo de colônia proposto pela biologia (Sisto, 2023). “Ciborgue é uma palavra-valise, composta para descrever uma realidade que não é menos realidade: o acoplamento entre uma forma artificial e uma forma natural, entre dois modos de regulação – uma máquina cibernética e um organismo” (Hoquet, 2019, p. 33).

En todo caso, somos cíborgs porque al usar el *smartphone*, estamos inmersos en un proceso cuyo objetivo es modificar nuestra biología para conquistar otro tipo de espacio: es decir, sus salas móviles son el resultado de la unión entre la condición exosomática del objeto *smartphone* como prolongación externa de la acción del cuerpo y el carácter intrasomático del lenguaje, de la sensibilidad y del pensamiento que se materializan - a través de signos, voces e imágenes - en cada una de esas salas. (Sisto, 2023, p. 59).

Dito isto, entendemos que o *cyborg*, tal como ela se realiza na atualidade, implica uma hibridação corpo-máquina, na qual não acontece uma integração da máquina em relação ao corpo, a partir de uma perspectiva orgânica, mas, pelo contrário, é o corpo que é subsumido na lógica da máquina. Tal modo de hibridação é chamada por Benasayag (2019) de hibridação artefactual; isto

é, não é a partir da singularidade do vivo que o processo ocorre, mas o corpo é acoplado por um movimento de integração modular, como mais um módulo da máquina.

GOVERNO E COLONIALISMO ALGORÍTMICO E CAPITALISMO DE PLATAFORMAS: IMPLICAÇÕES PARA O CORPO

Compreender as atualizações nos modos de governar e colonizar a vida exige uma revisão das mudanças que ocorreram paralelamente às rupturas apresentadas, primeiro, pela revolução industrial e, posteriormente, pela revolução digital. A primeira produziu a novidade e a necessidade de incorporar a máquina ao corpo, implicando transformações na cidade onde todos os aspectos da vida tiveram necessariamente que ser sincronizados com o tempo de trabalho. O apogeu do regime industrial, expresso no capitalismo fordista no início do século XX, foi sucedido pela guinada vertiginosa em direção ao capitalismo financeiro, caracterizado pela abstração do valor da mercadoria e sua subsequente virtualização.

Para que o valor das mercadorias seja infinitamente valorizado, elas devem se tornar cada vez mais abstratas e impessoais, ao mesmo tempo em que exercem maior domínio sobre a vida para extrair dela um valor cada vez maior. Junto com o extrativismo expandido do corpo (De Boni; Seré, 2024), surge uma nova matéria-prima: os dados, que reduzem o trabalhador e seu corpo a uma nova variável dentro do atual capitalismo de plataforma. A possibilidade de extrair cada vez mais dados da vida humana expande os limites e as possibilidades dos órgãos governamentais e dos grandes atores do mercado tech, instituindo novas formas de governo.

No tempo presente emerge um novo modo de condução das condutas, uma nova governamentalidade, que Rouvroy e Berns (2015, p. 42) denominaram de governabilidade algorítmica, “é um tipo de racionalidade (a)normativa ou (a)política que repousa sobre a coleta, agregação e análise automatizada de dados em quantidade massiva de modo a modelizar, antecipar e afetar, por antecipação, os comportamentos possíveis”. O núcleo operativo de qualquer programa computacional é o algoritmo. O algoritmo governa numerosas situações coletivas e individuais:

Es la forma indefinidamente ajustada de una “administración electrónica” de la vida, cuyas intenciones de protección, de optimización y de fluidificación depende en los hechos de un proyecto político no declarado, impersonal, aunque expansivo y estructurante. Es el surgimiento de una política de la técnica ubicuamente distribuida y que se caracteriza sólo por la inteligencia del tiempo presente y del futuro inmediato, ya que está programada para analizar, en el aquí y ahora, una infinitud de situaciones, y para sugerir o decidir “de la menor manera posible” soluciones “pertinentes”. Esta dimensión en vías de consolidación da cuenta de “una salida de lo político” fuera de su campo usual, descubriendo una gubernamentalidad robotizada, globalizada, individualizada y movida por intereses dispares. (Sadin, 2018, p. 138).

O algoritmo é um conceito matemático que faz alusão a um conjunto finito de instruções, procede de uma equivalência entre o número e o signo que é símbolo.

La matemática y la lógica se parecen en el hecho de manipular símbolos mediante leyes de combinación y composición. Los cálculos de la computadora equivalen a un trabajo lógico y matemático sobre los símbolos. El lenguaje formal es similar al lenguaje interno de la máquina y esté, a su vez, equivalente al lenguaje en el que pueden ser expresados los sonidos, las imágenes e las palabras. “Manipular símbolos” no será solo una operación lógica; és también, en la misma acción, una operación de representación (Rodríguez, 2019, p.176).

Com as tecnologias de informação muito presentes em nossas vidas passamos a produzir dados que são capturados e passam a configurar nossos perfis. Nossos perfis se põem em relação com um sem fim de base de dados em contínua expansão. A função algorítmica ocorre quando esses

dados são ligados a outros dados similares, a outros dados “afins”. O algoritmo influencia assim a “datificação” do comportamento humano, pois ele passa a “conhecer e re-conhecer” seu usuário a partir da supervisão de cada rastro virtual deixado por ele *online*. Por isso o filósofo italiano Davide Sisto (2023) faz a relação metafórica do termo *online* com o *onlife* - na vida.

Nossos rastros informacionais são deixados pelo cartão de crédito, pela conta bancária, pelos perfis de nossas redes sociais, pelos filmes/séries que consumimos nas plataformas streaming, palavras-chave de busca, as informações sobre produtos via código QR, aplicativos de transporte, o Sistema de Gerenciamento Geográfico* (GPS), dentre outros. Com a vida cotidiana e íntima cada vez mais exposta por estes dispositivos *online/onlife*, o perfil passa a mediar não só uma identidade, mas também exerce uma vigilância onipresente (o tempo todo em todo lugar). Os rastros da onipresença não são fixos pois os sujeitos munidos de aparatos tecnológicos informacionais vão deixando seus rastros virtuais por onde passam. Assim, um aplicativo instalado no celular é ao mesmo tempo algo com que vigio e objeto com o qual posso ser vigiado. O indivíduo para a ser um sujeito mediado por tecnologias de informação que o transforma e o duplica em forma de dados/códigos.

Es una potencia fragmentada al infinito en la forma de “agentes incorporeales” capaces de husmear en las redes, de recolectar y analizar todos los datos pertinentes, de cartografiar una infinidad de situaciones globales o locales, y de proponer o de proyectar en “tiempo real” soluciones tranquilizadoras o ventajosas. Son robots clarividentes que instauran y legitiman, por medio del aura de sus “conciencias sobreinformadas” y “altamente racionalizadas”, una reciente y todavía discreta “soberanía digital”, destinada a administrar siempre más ampliamente, “por el mayor bien y con el menor riesgo”, el trayecto de mundo del siglo XXI (Sadin, 2018, p. 21).

O imperativo da atualização tecno-científica implica uma intimação à reciclagem e à atualização constante (Sibilia, 2005, p. 102), produzindo uma maximização econômico-subjetiva que, ao entrar em funcionamento algorítmico, reproduz uma normatividade agora muda (Rouvroy e Berms, 2015, p. 109) que caracteriza a infraestrutura digital (Cesarino, 2022). O colonialismo sobre os corpos apresenta, assim, uma nova fase, ainda mais extrativista e impessoal que suas antecessoras, com as Big Techs produzindo, analisando e afetando a vida por meio de novas formas de governo e vigilância (Zuboff, 2021). A exposição permanente do corpo a dispositivos digitais de vigilância tornou-se o “novo normal”, sendo que o período pandêmico é um momento marco para a capitalização desse modo de vida.

Sob esta mirada, Sisto (2023, p. 50) vai definir “la pantalla como una ‘tecno-prótesis corporal’”, ou seja, “es el propio cuerpo el que, mediante el contacto entre los dedos de la mano y la superficie lisa de la pantalla, se convierte de manera performativa en el dispositivo de reproducción digital de los contenidos”. (Sisto, 2023, p. 50). Pautado nisso também, que em seu texto “Aprendendo com o vírus”, Paul Preciado (2020, s/p) vai mencionar que “os *smartphones* e os cartões de crédito convertem-se em instrumentos de vigilância que permitem rastrear os movimentos do corpo individual. Não precisamos de pulseiras biométricas: o telemóvel tornou-se a melhor pulseira, ninguém se separa dele nem sequer para dormir”. E segue:

O corpo orgânico oculta-se para poder existir segundo uma série indefinida de mediações semio-técnicas, segundo uma série de próteses cibernéticas que lhe servem de máscara: a máscara do endereço de e-mail, a máscara da conta de Facebook, a máscara do Instagram. Não é um agente físico, mas um consumidor digital, um tele produtor, é um código, um pixel, uma conta bancária, uma porta com um nome, um apartamento para o qual a Amazon pode enviar os seus pedidos (Preciado, 2020, s/p).

Assim, o perfil pode ser considerado um processo de governabilidade algorítmica na medida em que possibilita a vigilância imanente através das redes. O perfil “es un conjunto de trazos que no concierne a un individuo específico, sino que expresa las relaciones entre individuos, siendo más interpersonal que intrapersonal” (Rodríguez, 2019, p. 357). O principal objetivo, sob o ponto de vista algorítmico, não é produzir um saber sobre um indivíduo identificável, mas sim, utilizar um conjunto de informações pessoais para atuar sobre os “similares”.

O corpo colonizado pelo algoritmo é um corpo que está constantemente plugado em um sistema de controle digital da vida (Pich; Stassun, 2019) e que tem como horizonte a produção de uma percepção de si totalmente mediada pelos aparatos da tecnovigilância, impossibilitando, assim, uma dobra sobre si, a partir do qual uma subjetividade produzida criativamente com os Outros corpos possa emergir.

Em suma, se entendemos que colonizar significa instituir como legítimo um modo de vida a um outro considerado subalterno e minorizado. Na atualidade o colonialismo se realiza por vias muito mais sutis que no período das colônias tradicionais. Já ao longo do século XX foram experimentadas formas de colonização pela via do *soft power*, que tinham na dimensão da cultura e da indústria cultural um pilar fundamental. No tempo presente, o colonialismo adquire outras feições. Os critérios de existência considerados legítimos não são produzidos por Estados-nação, mas por empresas tecnológicas transnacionais, as *Big Techs*. Nas lógicas algoritmizadas de governo, também se observam critérios normativos que são classistas, racializados, generificados e etaristas, que prezam por corpos adequados a ideias de beleza ocidentais e burgueses, contudo, apresentados sob a fachada de uma a-normatividade tecnodigital.

Os sujeitos não são mais cooptados pela lógica da força, mas pela adesão irrestrita e irreflexiva, possibilitada pelo estado permanente de *onlife*. Estado que não somente é suportado, mas desejado. O desejo de visibilidade e aprovação social (no qual o corpo adquire clara notoriedade) via redes sociais e plataformas digitais visa ser “monetizado” na forma de likes, retwits, compartilhamentos, comentários elogiosos, sempre sob o imperativo da permanente felicidade e sucesso (Han, 2020). O corpo é celebrado, na medida em que esteja sempre conectado com as tendências ditadas pelos algoritmos, e a eles se asujeite alegremente. Desse modo, o colonialismo atual, ao não ter um Estado-nação opressor, nem tampouco a processos de aculturação de massas próprios do século XX, mas são dirigidos a indivíduos e corpos cada vez mais isolados, na sua relação simbiótica com os dispositivos digitais.

CONCLUSÃO

As transformações tecnológicas da última década implicam uma digitalização do mundo analógico bem como a existência de uma certa promessa de encontrar benefícios em sua substituição. A fetichização concedida às novas mercadorias digitais, relacionadas aos seus benefícios de eficiência, desempenho e produtividade, alcançou um novo domínio sobre o corpo, intensificando e estendendo o processo colonizador moderno. Ao valorizar cada vez mais as tecnologias digitais, as relações sociais que as produzem são obscurecidas, implicando simultaneamente não apenas a hibridização com o corpo humano, mas também sua substituíbilidade. Assim, quanto mais vida é atribuída à tecnologia, mais vida é substituída, extraída e colonizada, tornando-se invisível para o colonizador nesse processo.

Homens brancos do Norte global não precisam mais de facões e armas para extrair valor de populações, territórios e corpos. A automação alcançada pela tecnologia digital, bem como sua incorporação cotidiana, torna essa nova etapa da colonização mais silenciosa, extensa e intensiva.

O governo do corpo pelo digital expressa uma nova ordem de poder e conhecimento. A promessa não mais apenas de sua maximização, mas de sua substituição expande os limites extrativistas do capitalismo facilitando o avanço do neoliberalismo ao mesmo tempo em que lhe confere, mais uma vez na história, um caráter territorializado de resistência. Produzir sentido como

o algoritmo em lugar de que delegar sua produção ao mesmo torna-se um freio a um processo colonizador acelerado mediado por tecnologias digitais.

O que está em jogo hoje no encontro com outros corpos e com o algoritmo é uma outra ordem possível. Reivindicar a produção de sentido fora das relações dominantes de produção coloca nosso olhar sobre o corpo e o território como o lugar onde a possibilidade interna de algo é determinada (Heidegger, 1999). A colonização e sua resistência sempre estiveram relacionadas ao corpo e ao lugar, por isso é necessário, mais uma vez, apontar as forças históricas sobre as quais as formas atuais de controle, governança e vigilância são construídas por meio de mudanças no corpo, seja por seu acoplamento maquínico ou de sua substituição técnica.

Contribuições dos Autores: Elzaurdia, M.: concepção e desenho do ensaio, criação do argumento, redação do artigo; Zoboli, F.: redação do ensaio, revisão crítica, argumentação teórica; Pich, S.: concepção e desenho do ensaio, redação do ensaio, revisão crítica do conteúdo intelectual. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Aprovação Ética: Não aplicável.

Agradecimentos: Não aplicável.

REFERÊNCIAS

- Butler, J. Adorno, T. W., Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento: fragmentos mitológicos*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar.
- Benasayag, M. (2019). *La singularidad de lo vivo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros.
- Bunge, M. (1985). *Seudociência e ideología*. Madrid: Alianza.
- Brandão, J. S. (1986). *Mitologia Grega* (vol. 1). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Césaire, A. (2020). *Discurso sobre o colonialismo*. Brasil: Livraria Livros & Livros Ltda.
- Cesarino, L. (2022). *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu.
- Courtine, J-J. (1995). Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: Santanna, Denise (Org.) *Políticas do corpo*. pp. 81-114. São Paulo: Estação Liberdade.
- Coutinho, R. L. (2020). Uberização das relações de trabalho: uma abordagem transnacional a partir da interrelação entre Direito Público e Privado. *Revista Eletrônica do CEJUR*, (2)5, 5-27. <http://dx.doi.org/10.5380/cejur.v2i5.77625>
- De Boni, I., Seré, C. (2024). Vivir en deuda. Explitación neoliberal y captura del tiempo. Bajo el Volcán. *Revista del Posgrado de Sociología*. BUAP, 6(10), e747.
- Ellul, J. *Los nuevos poseídos*. (1978). Caracas: Monte Ávila Editores.
- Ésquilo. (2005). *Prometeu acorrentado*. Tradução J. B. Melo e Souza. E-Book Brasil.
- Foucault, M. (1984). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 4a. edição.
- Han, B. C. (2021). *Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Han, B. C. (2020). *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas formas de poder*. Belo Horizonte: Ayné.
- Hoquet, T. (2019). *Filosofia ciborgue: pensar contra os dualismos*. São Paulo: Perspectiva.
- Kurzweil, R., Grossman, T. (2019). *A medicina da imortalidade: viver o suficiente para viver para sempre*. San Pablo: Aleph.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao corpo*. São Paulo: Papirus.
- Löwith, K. (2007). *Historia del mundo y salvación: los presupuestos teológicos de la filosofía de la historia*. Buenos Aires, Katz Editores.
- Parente, D. (2010). *Del órgano al artefacto: acerca de la dimensión biocultural de la técnica*. 1 ed. La Plata: Universidad Nacional de La Plata.

Preciado, P. B. (2020). Aprendendo com o vírus. <https://www.revistapunkto.com/2020/04/aprendendo-com-o-virus-paul-b-preciado.html>

Rodríguez, P. M. (2019). Las palabras en las cosas: saber, poder y subjetivación entre algoritmos e biomoléculas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus.

Rose, N. (2013). A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no Século XXI. São Paulo: Paulus.

Rouvroy, A.; Berns, T. (2015). Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? *Revista Eco Pós*, 18(2), 35-56.

Rufino, L. (2019). Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula editorial.

Sandin, É. (2018). La humanidad aumentada: la administración digital del mundo. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja negra.

Sarti, G. C. (2012). El mito de la vida artificial en la literatura y el cine. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras UBA.

Sibilia, P. (2005). El hombre postorgánico: Cuerpo, subjetividad y tecnologías digitales. Ed. Fondo de cultura económica. Buenos Aires.

Sisto, D. (2023). Puercos Espines digitales: vivir y nunca morir online. Traducción de Ana Marivalles. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de cultura Económica.

Stassun, C. C. S.; Pich, S. (2019). Governo eletrônico da vida cotidiana por aplicativos de gestão da saúde no Apple Watch. *História, Ciências, Saúde*, 26(3), 951-968. 10.1590/s0104-59702019000300013

Stiegler, B. (2002). La técnica y el tiempo: el pecado de Epimeteo. Traducción: Beatriz Morales Bastos. Hondarribia/Espanha: Editorial Hiru.

Zubof, S. (2018). Big other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: Fernanda Bruno, Bruno Cardoso, Marta Kanashiro e Luciana Guilhon (Org.). *Tecnopolíticas de Vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, pp. 17-68.

Recebido: 30 de setembro de 2025 | **Aceito:** 8 de dezembro de 2025 | **Publicado:** 03 de janeiro de 2026



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.